



Faculdade Internacional de Teologia Reformada

RELATÓRIO DE LEITURA

Livro: O Deus amordaçado: O Cristianismo confronta pluralismo.

Dados do livro: Carson, Donald A. O Deus amordaçado: o Cristianismo confronta pluralismo. São Paulo: Shedd Publicações, 2013.

Dados do autor: D. A. Carson - Donald Arthur Carson nasceu em 21 de dezembro de 1946 e é um conhecido teólogo evangélico reformado que recebeu seu título de PhD da Universidade de Cambridge em Estudos do Novo Testamento. Ele é Pastor Batista e professor de Estudos do Novo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School (Deerfield, EUA).

1. Relatório de Leitura: D. A. Carson, O Deus amordaçado, capítulos 9 e 10.

Esta é a terceira parte do livro onde o autor tratará em dois capítulos, 8 e 9, o impacto do pluralismo nas diferentes áreas da vida de uma sociedade. O autor não pretende ser exaustivo e sim apresentar no capítulo 9 os desafios que estão presentes e no capítulo 10 algumas prioridades que devem ser mantidas pelos cristãos.

O título do capítulo 9 é “Mordiscando pela borda: *a extensão do desafio*”, e o objetivo do autor é mostrar a extensão do avanço do pluralismo.

O autor mostra através de dados comparativos logo no começo entre os anos 1960 e 1980 como a sociedade americana está em declínio. Em seguida reconhece que isto está relacionado ao abandono dos valores judeu-cristãos. Assim ele apresenta algumas arenas em que essa realidade pode ser notada. O autor esboça seus pensamentos em 6 arenas.

A primeira é o governo, mencionando os fundamentos dos Estados Unidos como nação fundamentada sobre os valores judeu-cristão, que abraçou a forma de governo democrático, que com o passar do tempo ao absolutizar a democracia abriu as portas para o pluralismo, deixando a realidade aberta para toda forma de pensamento e perdendo os valores que os unia como nação. A segunda esfera abordada pelo autor é a liberdade religiosa que para alguns está em perigo de extinção e para outros deve ser ainda mais estimulada. Mas reconhecem que não podem separar a religião da vida comum da

sociedade. Ainda que esta seja uma das primeiras liberdades e de grande importância, com o pluralismo ela chega a realidade de enfrentar-se com uma diversidade de religiões o que gera um desafio de coexistência, segundo os potenciais conflitos entre igreja e estado, uma vez que o estado com frequência faz ingerência sobre a vida e valores da igreja. O autor afirma com precisão que a crescente diversidade de pluralismo coloca em perigo a segurança da liberdade religiosa. A terceira esfera é a da lei e do judiciário, onde as autoridades judiciais tomam suas decisões com base não somente na lei e sim também com base em seus alinhamentos culturais, com seus valores e preconceitos. Já não funcionam mais como poder moderador e sim como uma outra força de governo. Na quarta esfera o autor menciona a educação e afirma a realidade do declínio dos padrões de educação no Estados Unidos. Valores como ética, moral e cívica são facilmente suplantados pela educação sexual. A realidade de apresentar certos temas numa classe de aula tão diversificada sem defender nenhuma posição é impraticável. Um tipo de pluralismo que fecha a porta para todo tipo de realidade que seja considerado como intolerante, e um exemplo disso é o ensino religioso. Se perde o aspecto positivo do pluralismo que proporcionaria um conhecimento mais abrangente das diferentes realidades. Uma esfera muito desafiadora, pois seria necessário mudanças em legislações, na formação de docentes e dos próprios pais. A quinta esfera é a economia, onde o autor reconhece sua limitação nesta área, mais contribui com seu pensamento ao mostrar que o pluralismo afeta não somente a maneira como se faz economia, e sim também a maneira como as pessoas relacionam suas vidas com ela. Alguns abraçam uma ideologia política que os inclina a um determinado modelo de vida mais materialista e ambiciosos contra outros que buscam uma distribuição mais igualitária. O que contrasta com a visão bíblica que não coloca ênfase na economia com bem supremo. A última esfera é a da ética e moral, onde o autor apresenta dados estatísticos para mostrar como o pluralismo contribuiu para o declínio moral e social dos valores, e isso está relacionado diretamente ao abandono ao cristianismo. O autor termina este capítulo com duas observações, onde na primeira ressalta o princípio reformado de que só é possível ter um conhecimento correto de si mesmo se tiver um conhecimento correto de Deus. Na segunda observação chama a atenção que não se pode tomar decisões ou ações em áreas da vida sem os fundamentos estabelecidos por Deus.

O capítulo 10 então é o desafio de ter uma visão clara e unificada no mundo do pluralismo. O autor propõe um caminho dividido em 3 etapas, onde a primeira é conhecer as questões que devem ser consideradas, na segunda propõe algumas sugestões práticas, e por último as prioridades que devem ser mantidas.

Nas questões a serem consideradas o autor ressalta o desafio que temos em relacionar-nos com a cultura, alguns se isolam, outras se identificam completamente, outros buscam oportunidades para

transformá-las. Diante dos desafios o autor afirma que não se pode perder a visão cristã escatológica, ou seja, não perder a compreensão de que a criação caminha para o ponto da restauração que trará Deus. O cristão já está participando do reino de Deus, mais não ainda na sua plenitude. Agora a maneira como o cristão se relaciona com esta tensão é importante. O autor não entra nas diferentes posturas escatológicas pois se distanciaria do seu objetivo, mais recorda a verdade de que “somos feitos por Deus e para ele, que todos nós teremos de prestar contas a ele; que nosso Criador é nosso Juiz; que a graça que nós mesmos recebemos em Cristo Jesus nos impele às boas obras; mas que nossa esperança derradeira para o futuro é o fim da história, um novo céu e uma nova terra que só Deus mesmo pode realizar; que a arrogância humana é humilhada não só diante de nossa morte individual, mas também diante da morte das civilizações finalmente do próprio mundo; que uma sociedade que não reconhece esses pontos por fim se passa grotescamente a servir em causa própria e a ficar exposta ao julgamento de Deus.”. Uma segunda realidade a considerar é o governo democrático, uma esfera que garante aos cidadãos alguns direitos que não se obtém em outros sistemas, e uma esfera onde os cristãos têm suas responsabilidades e não podem ser negligentes. Num governo democrático as mudanças se dão por meio de representantes, mas as mudanças não podem ser bruscas a menos que haja uma grande mudança na opinião pública. A terceira realidade é que dentro de uma democracia pluralista é difícil evitar a realidade das tensões na obrigação de manter, comunicar e sustentar a verdade que cremos para manter a liberdade. Parece ser difícil a coexistência da democracia e do “fundamentalismo” religioso. A democracia ainda que seja imperfeita é ainda a melhor forma de governo entre os homens que permite aos cristãos a liberdade de proclamar o evangelho. Ainda que haja grandes tensões e desafios, neste contexto o cristão vive o tempo presente com os olhos na eternidade que está por vir.

O autor avança para as sugestões práticas para viver em um mundo pluralista, na sua breve avaliação apresenta 6 sugestões. A primeira é a participação dos evangélicos na vida pública, não necessariamente na vida política, mais sim um envolvimento cristão na valorização da pessoa, no combate ao mal, no exercício do bem e no cumprimento com os deveres da fé cristã através de uma vida íntegra. Quando necessário se deve confrontar as filosofias públicas não cristã de forma corajosa. Exigir prestação de contas do estado, trabalhar com maior dedicação por questões que sejam de benefício aos valores cristão. Em segundo lugar um envolvimento transformador, para reformar aquelas esferas onde os cristãos podem influenciar como já o fizeram em outros momentos da história, como na educação. Também na questão familiar, uma ênfase na restauração da família. Ainda que não venha por meio das leis públicas, se deve estimular tudo aquilo que contribua.

Por último o autor ressalta aquilo que é prioritário e deve permanecer no mundo pluralista. A prioridade do evangelho, a única mensagem que transforma o homem reconciliando-o com Deus por meio de Cristo. O evangelho enfoca os olhos dos homens mais além do material, e o conduz a eternidade. A missão da igreja por tanto não se limita em preparar as pessoas somente para esta vida e sim também para a eternidade. Uma grande necessidade de nossos dias, a proclamação do evangelho com fidelidade, com ousadia e com compaixão.

Conclusão:

O autor é bem didático nestes dois capítulos ao apresentar em primeiro lugar os desafios do mundo pluralista e no segundo momento as sugestões de como influenciá-lo. Ainda que sua realidade seja o Estados Unidos, podemos relacionar muito facilmente os seus ensinamentos e argumentos com os diferentes contextos do mundo ocidental. Concordo com o autor que o pluralismo afetou as diferentes esferas de nossas sociedades e que erigiram enormes desafios, e como cristãos devemos compreender estes desafios e buscar as oportunidades para transformar essas diferentes esferas com as verdades do evangelho que foram abandonadas pelo mundo pós-moderno. Ainda que as tensões e as dificuldades sejam muitas o evangelho continua sendo o poder de Deus que tem transformado o mundo através dos séculos, por isso deve ser nossa prioridade e nosso fundamento firme.